

## ✓ **Estar em isolamento social:** quando a desigualdade atua como fator<sup>1</sup>

Danyelle Nilin Gonçalves<sup>2</sup>

Irapuan Peixoto Lima Filho<sup>3</sup>

Harlon Romariz Rabelo Santos<sup>4</sup>

Rafael de Mesquita Ferreira Freitas<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Uma versão preliminar desse texto foi apresentada no relatório parcial da pesquisa A vida em quarentena: deslocamentos e aglomerações em Fortaleza/Ce.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Ceará/  
Departamento de Ciências Sociais

<sup>3</sup> Universidade Federal do Ceará/  
Departamento de Ciências Sociais

<sup>4</sup> Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul

<sup>5</sup> Universidade Federal do Ceará

**Resumo:** O texto trata de uma pesquisa realizada entre 8 a 11 de abril de 2020, na cidade de Fortaleza, capital do Ceará, no Nordeste brasileiro, por ocasião da pandemia de Covid-19, quando o município atingiu o maior índice proporcional de contaminação no país (34,7 casos a cada 100 mil habitantes). Buscou-se captar situações de aglomerações e deslocamentos realizados na cidade durante o período de isolamento social. Através da análise de 1977 questionários aplicados online via Google Forms, com respondentes de 120 bairros de Fortaleza, foi constatado que a desigualdade social, que caracteriza a cidade, parece ter grande influência na maneira como os bairros vivenciaram (ou não) o isolamento social, aliadas a questões culturais e comportamentais.

**Palavras-chave:** Isolamento social; Covid-19; Desigualdade Social.

### EN

**Abstract:** The paper deals with research carried out between April 8 and 11, 2020, in the city of Fortaleza, capital of Ceará, in Northeastern of Brazil, on the occasion of the Covid-19 pandemic. In that time the city reached the highest proportional contamination index in the country (34.7 cases per 100 thousand inhabitants). We sought to capture situations of agglomerations and displacements in the city during the period of social isolation. Through the analysis of 1977 questionnaires applied online via Google Forms, with respondents from 120 neighborhoods in Fortaleza, it was found that social inequality, which characterizes the city, seems to have a great influence on the way neighborhoods experienced (or not) social isolation, allied to cultural and behavioral issues.

**Key-words:** Social Isolation; Covid-19; Social Inequality.

### ES

**Resumen:** El texto aborda una investigación realizada entre el 8 y el 11 de abril de 2020 en la ciudad de Fortaleza, capital de Ceará, en el noreste de Brasil, con motivo de la pandemia de Covid-19, cuando el municipio alcanzó el índice de contaminación proporcional más alto del país. (34,7 casos por cada 100 mil habitantes). Intentamos capturar situaciones de aglomeraciones y desplazamientos en la ciudad durante el período de aislamiento social. A través del análisis de los cuestionarios de 1977 aplicados en línea a través de Google Forms, con encuestados de 120 vecindarios de Fortaleza, se descubrió que la desigualdad social, que caracteriza a la ciudad, parece tener una gran influencia en la forma en que los vecindarios experimentaron (o no) aislamiento social, aliado a cuestiones culturales y de comportamiento.

**Palabras-clave:** Aislamiento social; Covid-19; Desigualdad social.

### FR

**Résumé:** Le texte traite d'une recherche réalisée entre le 8 et le 11 avril 2020, dans la ville de Fortaleza, capitale du Ceará, au nord-est du Brésil, à l'occasion de la pandémie de Covid-19, lorsque la municipalité a atteint l'indice de contamination proportionnelle le plus élevé du pays (34,7 cas pour 100 000 habitants). Nous avons cherché à saisir les situations d'agglomérations et de déplacements dans la ville pendant la période d'isolement social. Grâce à l'analyse des questionnaires de 1977 appliqués en ligne via Google Forms, avec des répondants de 120 quartiers de Fortaleza, il a été constaté que l'inégalité sociale, qui caractérise la ville, semble avoir une grande influence sur la façon dont les quartiers ont vécu (ou non) l'isolement social, allié aux questions culturelles et comportementales.

**Mots-clés:** Isolement social; Covid-19; Inégalité sociale.

## INTRODUÇÃO

Como resultado da rápida expansão da COVID-19, quase todos os países passaram a ter momentos de isolamento social que implicavam em grande parte das pessoas serem mantidas confinadas em casa durante algumas semanas ou meses, como forma de barrar a curva ascendente de contágios. As atividades cotidianas passaram a ser modificadas e em parte compartilhadas pelas redes sociais, que se tornaram um foco de sociabilidade dos dias vividos em isolamento.

Em vista da ocorrência do aumento de casos locais de infecção do novo coronavírus, o Governo do Estado do Ceará publicou um decreto que estabelecia o isolamento social, em 19 de março de 2020, posteriormente renovado a cada 15 dias, aproximadamente. Três semanas após a medida, iniciamos a pesquisa “A vida em quarentena e deslocamentos em Fortaleza-CE”, buscando compreender como os fortalezenses se comportavam frente ao isolamento sugerido para conter a pandemia.

A coleta dos dados se deu utilizando plataformas virtuais entre os dias 08 a 11 de abril de 2020. O questionário *online* continha 15 perguntas, via *Google Forms* e foi enviado via redes sociais (*Whatsapp* e *Facebook*) para diferentes grupos, com a indicação de que fosse respondido por moradores de Fortaleza acima de 15 anos e que fosse compartilhado para mais pessoas, de forma a dar mais capilaridade e atingir sujeitos dos mais diferentes estratos sociais para além das redes sociais dos pesquisadores.

Decidimos deixar o questionário aberto somente por três dias para que não houvesse um período muito alargado que influenciasse as respostas, já que queríamos captar como os moradores estavam vivenciando o isolamento social logo após uma série de inserções televisivas do presidente da República conclamando a todos a não cumprirem o isolamento. Por sua vez, o Governo do Estado também ensaiou uma flexibilização de alguns serviços e comércios, voltando atrás logo em seguida.

O formulário esteve aberto às respostas durante 72 horas e obteve 1977 respostas de residentes de 120 bairros de Fortaleza, sendo o Parque Santa Maria o único bairro que não obteve respostas. Importa salientar que os respondentes tinham algum acesso à internet. Para análise, os bairros estão agrupados nas 7 Secretarias Executivas Regionais (SERs), subdivisões administrativas da cidade.

## A COVID-19 E O ISOLAMENTO SOCIAL

No final de 2019, a Organização Mundial de Saúde alertou para o surgimento de uma série de casos de pneumonia de origem desconhecida na província de Wuhan, na China. Dias depois, através

do sequenciamento do vírus foi possível identificar o coronavírus (posteriormente chamado somente pelo termo técnico COVID-19). Poucos dias depois aconteceu o primeiro óbito e, logo em seguida, o primeiro óbito fora da China, fato que começou a preocupar cientistas e médicos mundo afora. 6 meses foram o suficiente para afetar 8,4 milhões de pessoas, ceifando a vida de pelo menos 450 mil pessoas. O vírus se espalhou pelo mundo de forma avassaladora. Dos 195 países e territórios reconhecidos pelas Nações Unidas, somente 12 não foram afetados (dados de 15 de maio de 2020), alguns com maior gravidade, como é o caso de Estados Unidos, Brasil, Inglaterra, Espanha e Itália, onde tanto os casos de contaminação quanto os de óbitos foram realmente grandes. Toda essa rápida expansão, causada em parte pelo grande fluxo de pessoas no mundo e a compreensão de que o contágio se dava mesmo em pessoas assintomáticas e que, posteriormente, o contágio passava a ser comunitário, isto é, entre pessoas que não haviam viajado; levou os governos a tomarem medidas extremas impondo o isolamento social. Dessa forma, foram fechados espaços que levavam à aglomeração, tais como escolas, universidades, cinemas, lojas e centros comerciais, *shoppings*, indústrias e desincentivando o uso de praças e parques públicos. Ademais, foi sugerido que as pessoas ficassem em casa de forma a não manter o fluxo de pessoas nas ruas, nos ônibus, nos espaços públicos, fatores causadores do contágio. Assim, de maneira paulatina, mas crescente, os países foram pouco a pouco parando. Alguns lugares foram mais resistentes a implementar tais medidas, outros agiram de maneira preventiva, o fato é que nesses 6 meses de convivência com a doença, quase todos os países experimentaram algum tipo de restrição social.

Isso é considerado um fato inédito nesse século. As últimas vezes que algo parecido tinha ocorrido de maneira mais ampla havia sido na pandemia da gripe espanhola no início do século XX ou no período da segunda guerra (para os países afetados). Nos dois exemplos algumas medidas de isolamento social foram sugeridas, no entanto, não com a amplitude que estamos presenciando atualmente. No Brasil, isolamentos foram também destinados a portadores de doenças contagiosas, como por exemplo, a lepra. Nesse caso, o isolamento compulsório representou a principal estratégia e durou entre início e meados do século XX. O governo brasileiro, decidiu, a partir de 1924, internar compulsoriamente os portadores de hanseníase retirando-os do convívio público, para resguardar os saudáveis. Muitos dos “suspeitos de lepra, denunciados por vizinhos, foram capturados em seus lares, tiveram suas casas queimadas e sofreram constrangimentos provocados pela internação (CAVALIERE; COSTA, 2011).

Dessa forma, conter a grande maioria da população vai contra tudo o que estamos acostumados a ver vivendo em aglomerações urbanas. Desde março de 2007, essa é a realidade global: há mais população urbana do que rural. Esse dado, confirmado pela ONU, mostra que mais da metade da população mundial vive hoje em cidades e é esse modo de vida citadino que se firmou ao longo dos últimos dois séculos, frutos da revolução industrial. As cidades se caracterizam pela intensa movimentação e tráfego de pessoas, de carros, de transportes de massa, de edifícios e aglomerados de pessoas que se relacionam e interdependem e assim constroem seus estilos de vida.

Esse modo de vida foi foco de constantes estudos sociológicos, como os já clássicos de Simmel (1978) e Louis Wirth (1978), dentre tantos outros que se debruçaram sobre a vida nas cidades e seu impacto sobre a sociabilidade. Há muito se discute e há um relativo consenso entre os especialistas de que a perda dos espaços públicos, que desde a Grécia antiga, desempenharam relevante papel nas funções urbanas, precisa ser revertida e para isso, busca-se estimular a ocupação de espaços públicos, através de intervenções, visto serem eles lugares onde se dá a circulação e a interação presencial entre os indivíduos, permitindo assim também a atratividade comercial, circulação econômica e em alguns casos, a recuperação do meio ambiente. Nas últimas décadas e cada vez mais, vem ganhando relevo a ideia de que a vida na cidade precisa ser acrescida de outras experiências, como o contato (perdido) com a natureza, com o hábito de caminhar, desfrutar das paisagens e encontrar as pessoas, interagir, a fim de criar laços societários mais duradouros. A rua é

*o lugar do encontro, sem o qual não existem outros encontros possíveis nos lugares determinados (cafés, teatros, salas diversas). Esses lugares animam a rua e são favorecidos por sua animação, ou então não existem. Na rua, teatro espontâneo, torno-me espetáculo e espectador, às vezes ator. Nela, efetua-se o movimento, a mistura, sem os quais não há vida urbana, mas separação, segregação estipulada e imobilizada. [...] Na rua, e por esse espaço, um grupo (a própria cidade), se manifesta, aparece, apropria-se dos lugares, realiza-se um tempo-espaço apropriado. [...] Quanto ao acontecimento revolucionário, ele geralmente ocorre na rua [...]. (LEFEBVRE, 2008, p. 27-28).*

O isolamento imposto pela expansão do coronavírus proíbia exatamente isso. De repente, as atividades prosaicas, como sair

para trabalhar ou estudar, ir às compras, fazer exercícios físicos na academia, ir a bares, restaurantes e cinemas, atravessar longas distâncias, viajar, encontrar pessoas, hábitos bem característicos da vida urbana que se tornaram elementos de medo da contaminação. Já não é recomendado encontrar pessoas e isso se dá pelo bem das pessoas, já que é o contato humano o causador do contágio. Pela primeira vez em muito tempo, uma situação social vem impossibilitando famílias de se encontrarem, as visitas dominicais ocorrerem, comemorações de aniversário, de casamento ou batizados serem realizados. Em alguns casos, pais foram isolados dos filhos, avós foram separados de netos, pessoas tiveram que ficar trancadas em casa, diminuindo sensivelmente o contato com o mundo físico exterior. E não estamos falando especificamente de um lugar, mas de países inteiros.

## COVID-19 E O CASO DE FORTALEZA

O Brasil teve seu primeiro caso de COVID-19 confirmado na segunda metade de fevereiro. No dia seguinte já havia 132 casos suspeitos. Se a princípio, os primeiros infectados foram pessoas que viajaram para o exterior, sendo inclusive esse um dos elementos de suspeição, esse número foi se alastrando a ponto de, em 23 de março, o Ministério da Saúde já considerar a transmissão comunitária, ou seja, não era mais possível identificar a origem da infecção. Em pouco menos de 4 meses, o Brasil se tornou o 2º país com maior número de casos no mundo, com 965 mil contaminados confirmados. As capitais foram as áreas mais afetadas, sobretudo aquelas com grande fluxo de pessoas, como São Paulo, Rio de Janeiro e Fortaleza. Quando do início de nossa investigação, Fortaleza já aparecia como a cidade com maior índice proporcional de contaminação no país (34,7 casos a cada 100 mil habitantes).

Fortaleza tem características que ajudam a explicar o fato de ter se tornado rapidamente um dos lugares com maior número de casos de COVID-19. É uma cidade turística, que conta com o *hub* aéreo que a conecta a destinos internacionais, como os países da Europa e Estados Unidos e, internamente, a vários destinos nacionais. Comemorado como grande conquista econômica nos últimos anos, é possível que ter um *hub* tenha sido um dos grandes fatores de disseminação inicial da doença, já que no período de férias e carnaval a cidade recebe muitos turistas nacionais e estrangeiros, além daqueles que estão apenas em trânsito.

É importante lembrar que a doença começou a disseminação em Fortaleza na primeira quinzena de março, com integrantes de classes

mais altas da cidade, moradores de bairros situados na zona leste, mas rapidamente se difundiu pelas outras áreas, atingindo as zonas periféricas.

A outra característica da cidade é a imensa desigualdade que a coloca nas primeiras posições do *ranking* internacional nesse quesito. Dos 121 bairros da cidade em apenas um não há comunidades. A diferença entre o IDH do bairro mais rico, Meireles (0,953), e do bairro mais pobre, Conjunto Palmeiras (0,119), denuncia a flagrante desigualdade social, fator crucial para a maneira como os habitantes da cidade vivenciaram o isolamento social e, por conseguinte, para as taxas de contaminação.

Quando iniciamos a investigação, havia 1231 casos confirmados, com 43 mortes e a doença estava registrada em 93 bairros. 8 dias depois, já eram 2041 casos e mais do que o dobro de mortes (95) e a doença já estava confirmada em 114 bairros. Dois meses após, todos os bairros da cidade tiveram casos de COVID e óbitos, sendo que a taxa de letalidade na periferia é bastante superior à média da cidade.

## PERCEPÇÕES SOBRE O ISOLAMENTO SOCIAL

Como a pesquisa foi por adesão e utilizando um questionário *online* que pressupõe o respondente ter acesso à internet, não se pode inferir que represente estatisticamente os moradores de Fortaleza, dado que as respostas não foram distribuídas de forma proporcional entre bairros e nem entre gênero, como se pode ver abaixo. Houve maior interesse por parte do público feminino em responder o questionário, o que elevou substancialmente a proporção, se comparada aos dados oficiais.

**Tabela 1: Distribuição do sexo**

Sexo	Percentual
Homem	31.8
Mulher	68.1
Outros	0.2
Total	100.0

Fonte: elaborado pelos autores (2020)

Quanto à faixa etária, a distribuição foi mais proporcional aos números apresentados no Censo 2010 (IBGE, 2020), ainda que não precisamente iguais. Apesar de ser uma pesquisa por adesão, o trabalho de divulgação em grupos diferentes e independentes

dos pesquisadores rendeu frutos, de modo que as proporções nas faixas etárias de 15 a 29 anos e de 50 a 69 anos são muito similares às proporções do Censo, variando menos de dois pontos percentuais na primeira; com nossa amostra apenas sendo menor no intervalo de mais de 70 anos; e maior na faixa entre 30 e 49 anos de idade.

**Tabela 2: Distribuição das faixas etárias**

Faixa Etária	Percentual
15 a 19 anos	7.7
20 a 24 anos	13.8
25 a 29 anos	13.9
30 a 34 anos	12.8
35 a 39 anos	12.8
40 a 44 anos	9.5
45 a 49 anos	9.7
50 a 54 anos	6.8
55 a 59 anos	6.5
60 a 64 anos	3.2
65 a 69 anos	2.0
70 a 74 anos	0.5
75 a 79 anos	0.5
80 a 84 anos	0.1
85 a 89 anos	0.1
90 a 94 anos	0.2
95 a 99 anos	0.2
Total	100.0

Fonte: elaborado pelos autores (2020)

Desde o início do isolamento, reportagens televisivas e imprensas davam conta de que algumas pessoas não estavam respeitando o isolamento. O questionário buscava saber se, na percepção dos respondentes, sua vizinhança estava cumprindo as regras de isolamento social recomendadas em âmbito global pela Organização Mundial de Saúde (OMS), e em âmbito estadual pelo Governo do Ceará, e Prefeitura de Fortaleza. A resposta apresentou o resultado variado em função da localização dos respondentes.

**Tabela 3: “Na sua rua, as pessoas estão respeitando a quarentena?” por Regional**

Regional	% Não	% Sim	% Total
<b>SERCEFOR</b>	42,9%	57,1%	100,0%
<b>SER 1</b>	63,3%	36,7%	100,0%
<b>SER 2</b>	26,3%	73,7%	100,0%
<b>SER 3</b>	64,9%	35,1%	100,0%
<b>SER 4</b>	41,1%	58,9%	100,0%
<b>SER 5</b>	63,7%	36,3%	100,0%
<b>SER 6</b>	51,7%	48,3%	100,0%

Fonte: elaborado pelos autores (2020)

É possível perceber que a negativa no cumprimento do isolamento social por parte dos vizinhos (na percepção dos entrevistados) era maior do que 50% em quatro das sete Regionais, fato que chamou a atenção. As SERs 1, 3, 5 e 6 trouxeram respostas que variavam entre 51,6% e 63,2%, denotando que a maior parcela dessas regiões da cidade não estava cumprindo as recomendações dos órgãos de saúde, o que à época já alertávamos no *Relatório Parcial* da pesquisa (GONÇALVES *et al.*, 2020) difundido amplamente e em diferentes reportagens televisivas e em jornais impressos. Ponderávamos que isso poderia ter graves consequências na disseminação do vírus. Aparentemente, essa negativa estava relacionada à situação social do bairro de origem, conforme será aprofundado adiante. Todavia, é importante salientar que pessoas que vivem sós tiveram dificuldades em responder essa pergunta, apesar de algumas informarem que ficam sabendo da movimentação pela rua, condomínio ou vila pelos grupos de *Whatsapp*.

**Tabela 4: Percepção sobre mudança nessa rotina nos últimos dias**

	Percentual
Não	18.4
Sim	81.6
Total	100.0

Fonte: elaborado pelos autores (2020)

Havia nos respondentes a percepção de que a rotina mudara nos dias que antecederam a aplicação do questionário. Reportagens davam conta de situações de aglomerações e dos riscos envolvidos. Queríamos saber quais motivos as pessoas atribuíam a essas mudanças, já que, apesar de

os índices de isolamento social em Fortaleza nunca terem sido como os preconizados pela OMS (acima de 70%), no início do isolamento havia um número maior de pessoas o praticando. Havia a hipótese de que os sucessivos pronunciamentos do presidente da República estimulando o fim do isolamento e a decisão do Governo do Estado em ampliar a abertura de comércios e serviços (posteriormente, revogada) tivessem impacto nesse fenômeno.

Como pode ser visto na tabela abaixo, esses eventos tiveram impacto sobre a percepção acerca da rotina. Os respondentes consideraram que houve mudança no isolamento social em relação aos dias anteriores (últimas semanas de março e primeira semana de abril). A expressiva maioria (81,6%) afirmou notar uma diferença e, na questão seguinte, anotou os principais motivos dessa mudança.

**Tabela 5: Razões/motivos atribuídos para as mudanças - Múltipla escolha**

Razões/motivos	% do total de respondentes
Postura desleixada por parte da população	59.8
Necessidade de sair de casa para comprar alimentação	56.1
Incentivo do presidente pelo fim do isolamento social	50.6
Necessidade de sair de casa para pagar contas	38.7
Necessidade de sair de casa para trabalhar	39.4
Cansaço de ficar em casa	38.0
Afrouxamento das regras da quarentena	21.8
Necessidade de sair de casa para comprar remédios	28.1
Desconhecimento das causas de contaminação do coronavírus	24.1
Não notei nenhuma mudança nos últimos dias	8.2
Nenhuma das opções	1.6

Fonte: elaborado pelos autores (2020)

Como se pode ver, as respostas variaram em pelo menos 5 tipos de razões: uma mais comportamental que atribui à própria sociedade a responsabilidade pelo afrouxamento; uma de ordem prática (comprar comidas, remédios, pagar contas); uma de ordem econômica (necessidade de trabalhar); outra que atribui à postura ao desconhecimento.

Todavia, chama bastante atenção uma quinta razão, que é o papel do principal gestor político do país ao estimular a quebra do isolamento social naquele momento. A maioria dos respondentes considerou que a população tem uma postura desleixada em relação ao isolamento social; seguindo a percepção de que a necessidade de comprar alimentos gera deslocamentos que “quebram” o isolamento;

enquanto ainda mais da metade anotou que o incentivo do presidente da República pelo fim do isolamento também influenciou a mudança detectada na rotina desde alguns dias antes da aplicação.

## SITUAÇÕES DE AGLOMERAÇÕES

**Tabela 6: Situações observadas nos últimos dias - Múltipla escolha**

Situações	% do total de respondentes
Aglomeração em supermercados	60.8
Grupo de pessoas sentadas nas calçadas	49.1
Aglomeração de pessoas nas casas lotéricas	45.6
Pessoas bebendo nas calçadas ou em bares	39.6
Pessoas jogando bola na rua	20.3
Aglomerações em pontos de ônibus ou terminal	19.7
Pessoas fazendo festas	17.7
Pessoas jogando damas, cartas ou dominós em público	15.0
Não estou vendo aglomerações	14.3
Aglomeração em feiras livres/mercados	14.0
Aglomeração de pessoas nas praças	12.6
Jogos em quadras/areninhas ou campos	12.2
Pessoas em cultos, missas ou eventos religiosos	7.7
Pessoas nos decks de condomínios	6.8
Pessoas em barracas de praia ou na areia	3.8

Fonte: elaborado pelos autores (2020)

A tabela acima aponta as respostas às situações que os sujeitos observavam nos dias anteriores à aplicação dos questionários. Nota-se que os quatro itens mais citados estão bem à frente dos demais, somando a partir de 39%.

É possível classificar tais ocorrências por duas razões distintas, uma de ordem prática e outra, comportamental. Ir ao supermercado consumir itens básicos de sobrevivência e dirigir-se às lotéricas para pagar contas são atividades corriqueiras, fazendo com que muitos indivíduos tenham dificuldades de se eximir dessas tarefas. Durante todo o período de isolamento social esses foram dois lugares onde sempre se constatou aglomerações. Embora em ambos os casos os aplicativos em celulares móveis tenham diminuído a necessidade de estar presencialmente para comprar mantimentos ou para pagar

contas, o acesso a eles ainda passa por questões culturais, tecnológicas e de renda que expressam os resultados atingidos.

No que diz respeito aos aspectos comportamentais, percebeu-se que pareceu difícil à parte da população, durante os meses que vem durante o isolamento, abrir mão de alguns costumes da vida anterior à pandemia, como sentar nas calçadas em pequenos grupos para conversar ou beber, estar nas ruas jogando bola, passeando com amigos. Muito se falou sobre a vida continuar “igual” em alguns bairros da cidade, mesmo quando o isolamento social se tornou mais rígido.

**Tabela 7: Situações de aglomeração por Regionais - Múltipla escolha**

Situações	SER 1	SER 2	SER 3	SER 4	SER 5	SER 6	SERCEFOR
Aglomeração de pessoas nas casas lotéricas	13,3%	11,2%	15,3%	14,2%	14,5%	12,5%	14,1%
Aglomeração de pessoas nas praças	4,7%	3,3%	3,5%	4,3%	2,9%	3,9%	1,3%
Aglomeração em feiras livres/mercados	4,2%	3,0%	3,5%	4,1%	3,6%	5,6%	6,4%
Aglomeração em supermercados	15,3%	22,1%	17,0%	20,0%	17,2%	16,2%	19,2%
Aglomerações em pontos de ônibus ou terminal	4,5%	5,9%	5,6%	6,3%	5,7%	6,1%	6,4%
Grupo de pessoas sentadas nas calçadas	15,0%	10,0%	17,2%	14,5%	17,0%	13,3%	18,0%
Jogos em quadras/areninhas ou campos	4,7%	3,2%	3,3%	3,1%	2,8%	4,4%	1,3%
Não estou vendo aglomerações	1,7%	14,7%	2,8%	3,8%	1,3%	2,5%	2,6%
Pessoas bebendo nas calçadas ou em bares	13,4%	7,4%	13,6%	10,9%	12,9%	11,8%	15,4%
Pessoas em barracas de praia ou na areia	1,1%	3,4%	0,7%	0,8%	0,4%	0,8%	1,3%
Pessoas em cultos, missas ou eventos religiosos	2,0%	1,1%	2,3%	1,7%	2,7%	3,2%	2,6%
Pessoas fazendo festas	4,7%	3,9%	4,6%	5,7%	6,4%	5,6%	2,6%
Pessoas jogando bola na rua	7,8%	4,6%	5,2%	4,8%	6,7%	6,9%	2,6%
Pessoas jogando damas, cartas ou dominós em mesas públicas, praças ou calçadas	6,3%	2,9%	4,1%	3,8%	5,2%	4,5%	3,9%
Pessoas nos decks de condomínios	1,1%	3,5%	1,4%	2,1%	1,0%	2,7%	2,6%
Totais	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: elaborado pelos autores (2020)

Quando estratificamos as situações observadas pelos bairros e Regionais, algumas questões se interpõem, ajudando a aprofundar o que foi descrito no parágrafo anterior. Ir às lotéricas pagar contas e gerar aglomerações (especialmente nas típicas datas de “vencimento” das contas no início do mês) é mais frequente nas SERs 3 e 5, que guardam um grande número de bairros de baixa renda, em particular esta última.

De modo inverso, as aglomerações em supermercados são mais anotadas na Regional 2, que contém os bairros de maior renda. Tal característica desta Regional parece influenciar outras situações cotidianas, tendo em vista que nela é menos frequente a presença de pessoas nas calçadas ou jogando jogos de cartas ou tabuleiros nas ruas. Não por acaso, esta SER também anota maior frequência na opção “pessoas em *decks* de condomínios”, pois sabidamente acumula um grande número de condomínios verticais. Os moradores da SER 2 também foram os que mais marcaram o item “não estou vendo aglomerações”, numa média quase sete vezes maior do que as demais Regionais. Essa ausência de aglomerações talvez também esteja associada à verticalização das moradias.

A SER 2 também demarcou um número menor na presença de cultos ou missas religiosas, enquanto a Regional 6 foi a mais frequente nesta questão. A SER 6 também ganhou destaque na realização de feiras livres, o que nos faz pensar em locais como a Feira de Messejana, que é um ponto importante de troca de mercadorias e aglomerações de pessoas para aquela zona da cidade, tendo sido inclusive manchete de jornal nos últimos dias.

É ilustrativa dessa discussão a ocorrência de grandes aglomerações de pessoas em Fortaleza que vieram às manchetes de jornais durante o período de coleta de dados. Uma dessas notícias dava atenção à continuidade de ocorrência das feiras livres na cidade, citando Messejana como exemplo. Outro caso noticiado foi a grande aglomeração de compradores no Mercado dos Peixes, na região da Beira-Mar, na SER 2, por ocasião da Páscoa, atendendo à tradição de se comer mais pescados nesse período.

Em termos de aglomerações, o questionário falhou ao não colocar a opção “agências bancárias”, pois a aglomeração nesses estabelecimentos também foi ressaltada pela imprensa nesse período e algo que fatalmente aumentou em função do pagamento do auxílio emergencial, destinado a trabalhadores informais, microempreendedores individuais (MEI), autônomos e desempregados de famílias em situação de vulnerabilidade, distribuído pelo Governo Federal durante o enfrentamento da pandemia da COVID-19.

Por fim, é importante salientar que no item referente às praias e barracas de praia, tiveram destaque apenas as Regionais 1, 2 e SECEFOR (Centro), que são as zonas litorâneas de Fortaleza.

## TRABALHO E DESLOCAMENTO PELA CIDADE

Apesar do decreto estadual estabelecendo o isolamento social, sabe-se que muitos trabalhadores não foram dispensados da obrigação da presença física nos ambientes de trabalho. Dessa forma, o questionário buscou saber a porcentagem de famílias que tinham pelo menos uma pessoa saindo cotidianamente para o trabalho. Esse fato chama a atenção porque, mesmo uma parte dos habitantes da casa estando em isolamento social, ter um membro da família interagindo e se deslocando todos os dias aumentava as chances de contaminação desses membros.

**Tabela 8: Saídas para trabalhar**

	Percentual
Não	60.7
Sim	39.3
Total	100.0

Fonte: elaborado pelos autores (2020)

Na pergunta sobre se alguém na residência estava saindo para trabalhar, é interessante perceber que a maioria afirmava que “não”, porém, o número dos que responderam “sim” ainda era alto, sendo quase 40% das respostas. Posteriormente, em um questionário realizado com foco nas comunidades de Fortaleza, esse número aumentou para 53%. A maneira como se distribuem esses trabalhadores, contudo, atende a alguns fatores sociais, como se verá abaixo:

**Tabela 9: Saídas para trabalhar por Regional**

Regional	% Não	% Sim	% Total
SERCEFOR	75,0%	25,0%	100,0%
SER 1	53,1%	46,9%	100,0%
SER 2	71,0%	29,0%	100,0%
SER 3	52,2%	47,8%	100,0%
SER 4	71,4%	28,7%	100,0%
SER 5	52,1%	48,0%	100,0%
SER 6	53,5%	46,6%	100,0%

Fonte:  
elaborado pelos autores (2020)

Quando a questão de sair para trabalhar é estratificada pelos bairros de moradia (agregados para melhor compreensão, por Regionais), percebem-se diferenças marcantes. As SERs com maior negativa foram as de número 2 e 4, e não parece ser coincidência o fato de que ambas são as únicas que agregam os 10 bairros com maior renda nominal média de Fortaleza, segundo os dados do IPLANFOR (2015). A Regional SERCEFOR, como contém um único bairro (Centro), cria uma dificuldade comparativa; enquanto as demais SERs mantêm uma média negativa em torno de pouco mais de 50%.

Em complemento à necessidade de sair de casa para trabalhar, os entrevistados foram questionados sobre para qual bairro se deslocavam os moradores de casa que saíam para trabalhar, na tentativa de traçar algumas relações entre origem e destino e ver como se dá o deslocamento pela cidade nesse momento de pandemia.

Os números mostram que os dois bairros mais citados como destino de trabalho foram Aldeota e Centro, 21,5% e 16,3%, respectivamente, bem à frente dos demais. É sabido que ambos são bairros de grande movimentação em termos de comércio e serviços, que não necessariamente fecharam nesses dias, tais como bancos, clínicas médicas, hospitais, supermercados, frigoríficos.

No caso da Aldeota, sendo o quinto bairro com maior renda (IPLANFOR, 2015), também adiciona outros tipos de oferta de postos de trabalho, em particular, os domésticos e aqueles relacionados aos serviços oferecidos em condomínios e prédios, como portarias, zeladorias, serviços gerais. Sabe-se, no entanto, que no interior de outros bairros, pequenos comércios como mercadinhos, bodegas, entregas de gás e água continuaram funcionando, também exigindo que pessoas rompessem o isolamento social.

A estratificação desses números e o cruzamento entre origem e destino dos respondentes que estão saindo para trabalhar, demonstra que a movimentação intrabairros era pequena, ou seja, poucos eram aqueles que trabalhavam no bairro em que residiam. No caso da Aldeota, por exemplo, apenas 1,85% dos que afirmaram trabalhar no bairro também moravam nele. Isso demonstrava que havia um grande volume de deslocamento de moradores ao longo do território da cidade, utilizando inclusive o transporte público.

Quando separamos os 10 bairros mais citados como destino para quem saía para trabalhar neste contexto de isolamento social, três deles estavam na SER 2 e outros três na SER 4,

de novo, as Regionais com bairros de maior renda média. Considerando o *Boletim Epidemiológico* de 15 de abril de 2020, emitido pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, percebia-se que Meireles e Aldeota eram aqueles com maior acumulado de casos de COVID-19 (179 e 139, respectivamente), o que mostrava que o grande volume de trabalhadores que se deslocava para os dois bairros citados (primeiro e sexto lugares como destinos) estavam mais sujeitos à contaminação e à disseminação da doença em seus bairros de residência. Como já dito anteriormente, àquela altura já se percebia um aumento no número de casos nas periferias de Fortaleza, com índices elevados de óbitos.

A questão seguinte alerta ainda para o número de pessoas que estava se deslocando pela cidade, tanto para fins de trabalho como para outras atividades. Quase 80% dos respondentes afirmaram conhecer alguém nessas condições, o que faz pensar que era realmente um pequeno número de pessoas que estava realmente praticando o isolamento social total nesse período em Fortaleza.

**Tabela 10: Conhece outras pessoas que estão se deslocando para outros bairros para trabalhar ou fazer compras/ outras atividades**

	Percentual
Não	20.6
Sim	79.4
Total	100.0

Fonte: elaborado pelos autores (2020)

Um outro elemento que chamou a atenção é que 10% dos respondentes afirmaram estar recebendo visitas em casa, orientação também destoante das sugeridas pelos órgãos de saúde. Momentos como feriados ou datas comemorativas, como o Dia das Mães, ainda acabaram criando situações de encontro para alguns, a ponto de ter havido um aumento de casos nas semanas seguintes a estas datas.

A amostra da pesquisa, montada por adesão, não trouxe uma proporcionalidade precisa quanto aos dados oficiais em termos de renda, mas foi representativa da cidade no sentido de que abrangeu de modo satisfatório diversas faixas de renda, tanto nos estratos inferiores (em menor grau) quanto nos superiores (com maior adesão).

**Tabela 11: Renda familiar**

Faixa de Renda	Percentual
Sem renda	1.5
Menos de 1 SM	3.6
1 SM	8.6
1-2 SM	17.1
2-3 SM	13.5
3-5 SM	17.7
5-6 SM	8.4
6-8 SM	7.1
8-10 SM	7.0
10-15 SM	7.8
15-20 SM	3.3
20-30 SM	2.5
Mais de 30 SM	1.8
Total	100.0

Fonte: elaborado pelos autores (2020)

Ainda assim, foi possível aferir algumas estratificações importantes quanto à distribuição da renda e seu impacto em outras variáveis. É notório como a renda impactava no fato de sair de casa para trabalhar dos entrevistados.

**Tabela 12: Renda familiar por “Se alguém saindo para trabalhar”**

Faixa de Renda	Não	Sim	Total
Até 1 SM	53.9%	46.1%	13.7%
Entre 1 e 5 SM	56.2%	43.8%	48.3%
Mais de 5 SM	69.0%	31.0%	38.0%
Total	60.7%	39.3%	100%

Fonte: elaborado pelos autores (2020)

Percebe-se na tabela acima que a proporção dos que saíram para trabalhar durante o isolamento social era decrescente em relação à renda familiar, ou seja, os entrevistados com menor renda saíram mais para trabalhar do que os com maior renda.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados levantados na pesquisa corroboraram a situação de desigualdade vivida na cidade de Fortaleza. Manter o isolamento e o distanciamento social não foi uma realidade para grande parte dos entrevistados ou suas famílias. Isso se deu por questões de ordem econômica, como a obrigação de estar fisicamente no ambiente de trabalho; mas também perpassadas por questões culturais. Algumas profissões não foram inteiramente liberadas, como o caso das domésticas, faxineiras e babás em que uma parte considerável de famílias continuaram a usufruir dos serviços, mesmo em meio à pandemia.

Além disso, questões comportamentais e que antecedem à pandemia foram também elementos impeditivos da manutenção do isolamento. Muitos bairros seguiram suas rotinas, mesmo quando o isolamento se tornou mais rígido.

Constatou-se que as classes médias, médias altas e altas tiveram mais condições de manter o isolamento social do que as mais baixas, saindo menos para trabalhar, não usando transporte público e vivendo em situações com menos aglomerações de pessoas.

Questões culturais, comportamentais e de renda parecem ter tido grande influência na maneira como os bairros vivenciaram (ou não) o isolamento social, notando-se uma dificuldade em abrir mão de alguns costumes, como se reunir nas calçadas para bares, jogos e conversas, frequentar feiras livres, jogar bola na rua, continuar indo a eventos religiosos etc.

Não se pode esquecer, no entanto, que para muitas pessoas residentes nesses bairros, a rua é uma das únicas possibilidades de lazer. Ficar dentro de casa também não é a melhor opção quando se têm moradias tão precárias, com muitas pessoas acomodadas em poucos cômodos e quando as unidades habitacionais guardam pouca distância entre si, não têm janelas, quintais e varandas. Dessa forma, os bairros de menor renda estiveram mais propícios a esse descumprimento, ao mesmo tempo em que também foram os mais atingidos pela necessidade de se deslocar para trabalhar.

Os resultados demonstraram que durante o isolamento social houve grande circulação pelo território da cidade, em especial, para bairros como Aldeota e Centro, polos de oferta de serviços e comércios.

Dentre os respondentes, o perfil dos que estavam saindo para trabalhar era destacado entre os com renda mais baixa, de modo que essa parcela da população se expôs mais ao risco de se contaminar e, tendo em vista a característica de manutenção

de alguns tipos de aglomerações nos bairros de origem, também colocando em possibilidade a maior disseminação da doença.

Isso de fato se confirmou nos meses seguintes. Em meados de maio de 2020, os dez bairros com mais mortes pela COVID-19 em Fortaleza estavam na periferia. A pandemia trouxe mudanças em praticamente todos os setores da vida social, mas também escancarou o que já estava posto: a desigualdade social é uma delas.

## REFERÊNCIAS

CAVALIERE, Ivonete Alves de Lima; COSTA, Sueli Gomes. Isolamento social, sociabilidades e redes sociais de cuidados. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 21 [ 2 ]: 491-516, 2011.

ENGBERG, Elisabeth. A influenza invisível: a resposta comunitária à pandemia de 1918-1920 no norte rural da Suécia. **Varia hist.**, Belo Horizonte, v. 25, n. 42, p. 429-456, Dec. 2009. Available from . access on 25 Mar. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-87752009000200004>.

FORTALEZA. Prefeitura Municipal de Fortaleza. **Informe Semanal COVID-19**. Fortaleza: SMS, 15 de abril de 2020. Disponível em <http://coronavirus.fortaleza.ce.gov.br/pdfs/informe-semanal-covid-16a-semana-2020.pdf>. Acessado em 15 de abril de 2020.

GONÇALVES, D. N. *et al.* **A Vida na quarentena**: deslocamentos e aglomerações de pessoas em Fortaleza. Relatório de Pesquisa. Divulgado em 17 de abril de 2020, 20 p. Fortaleza: LEPEC/UFC. Disponível em: <https://lepec.ufc.br/pt/>.

GEHL, Jan. **Cidade para pessoas**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2015. LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2008a.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Fortaleza: Panorama**. Brasília: IBGE/ Governo Federal, 2020. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/fortaleza/panorama>>, acessado em 16 de abril de 2020.

IPLANFOR. Instituto de Planejamento de Fortaleza. **Fortaleza 2040: Iniciando o Diálogo**. Fortaleza: Edições IPLANFOR/ Prefeitura Municipal de Fortaleza, N. 2, Ano II, 2015.

LEITE, Rogerio Proença. **Contra-usos da cidade**: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. 1. ed. Campinas: Editora Unicamp/Editora UFS, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In.: VELHO, Otávio G. (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1978.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In.: VELHO, Otávio G. (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1978.

SPECK, Jeff. **Cidade caminhável**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

WESTPHAL, Márcia Faria; MENDES, Rosilda. **Cidade saudável**: uma experiência de interdisciplinaridade e intersectorialidade. **RAP Rio de Janeiro** 34(6):47-61, Nov./Dez. 2000.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In.: VELHO, Otávio G. (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1978.